

## Nominalizações em Guajá: formas e funções

*Nominalizations in Guajá: forms and functions*

Pablo Rodrigues Ferreira<sup>1</sup>

*Universidade de Brasília*  
Brasília, Distrito Federal, Brasil

Marina Maria Silva Magalhães<sup>2</sup>

*Universidade de Brasília*  
Brasília, Distrito Federal, Brasil

**Resumo:** Este artigo tem como objetivo apresentar uma análise atualizada e mais aprofundada da descrição feita em Magalhães (2007) sobre as nominalizações do Guajá a partir de dados de narrativas inéditas recentemente coletadas. Discutem-se, aqui, as formas, o funcionamento e a produtividade dos cinco morfemas nominalizadores do Guajá, considerando-se sua relação com a tipologia omnipredicativa da língua. A análise é amparada pela interpretação dos Sintagmas Nominais resultantes das nominalizações como exercendo a função de adjuntos correferenciais qualificadores dos argumentos expressos pelos índices pessoais nos verbos.

**Palavras-chave:** Guajá. Tupi-Guarani. Nominalizações. Função. Omnipredicatividade.

**Abstract:** This article aims to provide an updated and more in-depth analysis of the description presented in Magalhães (2007) on Guajá nominalizations, based on newly collected and previously unpublished narrative data. It discusses the forms, functions, and productivity of the five nominalizing morphemes in Guajá, taking into account their relation to the language's omnipredicative typology. The analysis is grounded in the interpretation of the Noun Phrases resulting from nominalizations as functioning as coreferential qualifying adjuncts of the arguments expressed by the personal indexes on the verbs.

**Key words:** Guajá. Tupi-Guarani. Nominalizations. Function. Omnipredicative.

### INTRODUÇÃO

Os Awa Guajá, autodenominados Awá<sup>3</sup>, vivem nas Terras Indígenas Caru, Awá, Alto Turiçu e Araribóia, no noroeste do estado do Maranhão. Sua língua é pertencente ao subgrupo linguístico VIII da família Tupi-Guaraní (Rodrigues 1984/85), e é língua materna de todas as atualmente cerca de 520 pessoas que vivem nas quatro aldeias existentes (Garcia e Magalhães 2021).

<sup>1</sup> Estudante da *Universidade de Brasília* (UnB). E-mail:rodriguesferreirapablo0@gmail.com

<sup>2</sup> Professora Doutora da *Universidade de Brasília* (UnB). E-mail:marinamsmag@gmail.com

<sup>3</sup> O etnônimo atualmente utilizado em documentos de identidade e registros oficiais é Awa Guajá, seguindo decisão do próprio povo em grafar sua autodenominação na ortografia da língua (Awa, sem acento agudo) seguida da denominação externa por meio da qual eles são referidos em documentos históricos (Guajá). Outra possibilidade de se referir a eles, que tem sido também comumente utilizada nos últimos anos em documentos elaborados pelas instituições que atuam com os Awa Guajá é simplesmente Awá, sua autodenominação, registrada conforme Convenção para Grafia dos Nomes Tribais (1954). Neste artigo alternaremos as duas nomenclaturas, adotando a forma como o próprio povo se reconhece e se autodenomina, respectivamente.

Este trabalho tem como objetivo aprofundar a descrição feita por Magalhães (2007) sobre as nominalizações do Guajá e está inserido no projeto “A estrutura da língua Guajá e sua contribuição à tipologia das relações gramaticais”, que tem como principal meta aprofundar os estudos acerca da língua Guajá e contribuir com a descrição e análise de línguas indígenas em geral.

A pesquisa tem caráter qualitativo e foi desenvolvida no âmbito das orientações de PIBIC e TCC da autora com o coautor. A maior parte dos dados do Guajá aqui usados é inédita<sup>4</sup>, tendo sua origem nos recém-organizados livros didáticos *Awa mumu’ñaena* – Histórias do Awá; *Hai rawirokaba pape rebe* – O livro do mel; e *Awa ũba - Awa pape mumu’ũbara japo*. Os dois primeiros foram organizados por Magalhães e o último por Berto, Cardoso e Magalhães, sendo os dois últimos ainda não publicados. Por meio desses dados, oriundos de narrativas, analisamos o funcionamento e a produtividade das nominalizações do Guajá, adicionadas, quando pertinente, de observações comparativas entre as nominalizações dessa língua e de outras da família Tupi-Guarani.

Na primeira seção apresentamos as informações relevantes para este estudo sobre as classes de palavras e suas funções, depois apresentamos e descrevemos os morfemas nominalizadores e suas funções e, na última seção, a descrição sobre a negação dessas estruturas.

## 1 INFORMAÇÕES SOBRE CLASSES DE PALAVRAS E SUAS FUNÇÕES

As partes do discurso com conteúdo lexical do Guajá são classificadas em verbos, nomes e advérbios, sendo verbos, nomes e sintagmas posposicionais (que são um tipo de expressão adverbial) marcados para pessoa. Verbos (1), nomes (2) e expressões adverbiais (3) funcionam primariamente como predicado, isto é, não precisam de recursos morfossintáticos como uma cópula para predicar, conforme mostram os exemplos a seguir:

(1)	<i>bair-a</i>	<i>a-’u</i>	<i>ka’a-pe</i>	<i>awije</i>	<i>ha=Ø-mẽ</i>	<i>Ø-pamẽ</i>
	mel-RFR	1.A-comer	mata-LOC	sempre	1.NA=LK-marido	LK-com

‘Eu sempre como mel na mata com meu marido.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

(2)	<i>i-myty</i>	<i>xi</i>	<i>i-pe</i>	<i>anyĩ</i>
	3.NA-flor	IMF	3.NA-DAT	CONJ

<sup>4</sup> Todos os dados sem referência na glosa são inéditos.

‘E há flor (está florescendo) para ela (a abelha).’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

- (3) *ba'i ra'o hair-a ka'a r-che*  
muito INTS mel-RFR mata LK-sobre

‘Os muitos (tipos de) méis estão na floresta.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

Categorias que expressam mudança de valência, como as vozes reflexiva/recíproca (4) e causativas, aparecem por meio da morfologia verbal e uma grande classe heterogênea de partículas expressa TAME (5), dêixis, movimento associado, postura associada (5), entre outras noções gramaticais, algumas ilustradas nos exemplos a seguir:

- (4) *Ø-ji-xa awa ha-pibia Ø-pyry abameri*  
3.A-REFL.REC-ver pessoa 3.NA-parente LK-junto.de ainda

‘As pessoas se viam, ainda ficavam juntas dos parentes.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

- (5) *a-pa'ỹ-ta xi tapa*  
1.A-levantar-PROJ IMPF PA.EM.PÉ

‘Eu iria levantar para ficar de pé.’

Os verbos do Guajá caracterizam-se por receberem exclusivamente morfemas que alteram sua valência, como os afixos causativos {*mi-*} e {-*ka*} (CAUS) e reflexivo/recíproco {*ji-*} (REFL/REC) e funcionam primariamente como núcleo de predicados, sendo divididos em duas subclasses: os verbos eventivos (6) e os verbos estativos (7).

- (6) *o-ho ha-ja*  
3.A-correr 3.NA-de

‘Foi embora de lá.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

(7) *i-pahaj* *rahy*

3.NA-ser.pesado INTS

‘É pesado demais!’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

Como ilustrado acima, os verbos eventivos caracterizam-se semanticamente por exprimirem mudanças no estado, condição ou locação espacial dos participantes marcados pela Série Ativa (A) de marcadores pessoais. Já os verbos estativos exprimem propriedades físicas mais estáveis e estados temporários dos participantes marcados pela Série Inativa (NA) de marcadores pessoais. A tabela a seguir apresenta um pequeno inventário de raízes eventivas e estativas do Guajá.

Tabela 1: Raízes verbais eventivas e estativas

Verbos eventivos		Verbos estativos	
<i>Wyby</i>	‘correr’	<i>kira</i>	‘ser/estar gordo’
<i>Kere</i>	‘dormir’	<i>axỹ</i>	‘ser/estar frio’
<i>pebẽ</i>	‘quebrar’	<i>muku</i>	‘ser/estar alto/fundo’
<i>wa'a</i>	‘cair’	<i>parahỹ</i>	‘ser/estar bonito’
<i>‘u</i>	‘comer’	<i>hatỹ</i>	‘ser/estar forte/duro’
<i>Pyby</i>	‘pegar’	<i>apaj</i>	‘estar com sono’
<i>Xa</i>	‘ver’	<i>karahỹ</i>	‘estar cansado’

Ambos os tipos de verbos são base para a derivação em nomes, podendo receber morfemas nominalizadores. A tabela a seguir lista as duas séries de prefixos que se anexam à cada tipo de raiz acima. Os prefixos da Série Ativa são anexados a raízes eventivas somente, enquanto os clíticos da Série Não Ativa se associam às raízes estativas.

Tabela 2: Marcadores pessoais das Séries Ativa e Não Ativa

Série Ativa (A)	
<i>a-</i>	1 (1ª p. singular)
<i>ari-</i>	2 (2ª p. singular)
∅	3 (3ª p.)
<i>xi-</i>	12 (1ª p. plural exclusiva)
<i>ari-</i>	123 (1ª p. plural inclusiva)
<i>pi-</i>	23 (2ª p. plural)

Série Não Ativa (NA)	
<i>ha=</i>	1 (1ª p. singular)
<i>ni=</i>	2 (2ª p. singular)
<i>i- ~ h-</i>	3 (3ª p.)
<i>jani=</i>	12 (1ª p. plural exclusiva)
<i>are=</i>	123 (1ª p. plural inclusiva)
<i>pĩ-</i>	23 (2ª p. plural)

As expressões adverbiais nos exemplos de (8) a (10) abaixo são formadas, respectivamente, por advérbios, por nomes associados a posições ou nomes associados ao sufixo de caso locativo, e funcionam, respectivamente, ou como adjunto, ou como predicado, ou como argumento oblíquo. As posições, assim como os verbos estativos, recebem os marcadores pessoais da Série NA ou se associam a um argumento interno nominal, como *ka'a* ‘floresta’ em (9). Os três tipos de expressões adverbiais podem ser nominalizados.

- (8) ∅-u                      *japoxi-a pyha anĩ*  
 3.A-vir                      papa-mel-RFR    de.noite CONJ  
 ‘Então o papa-mel veio de noite.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

- (9) *a'e pãj ka'a r-ipi*  
 DEIT    TOT    floresta LK-por  
 ‘Há todos esses pela floresta.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

- (10) ∅-mapy xipe              *manã                      japupu-pe*  
 3.A-colocar              FOC    CTF(O)              panela-LOC

‘Colocou-(os) (fazendo-os ir) na panela.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

Já a classe dos nomes caracteriza-se por receber de maneira exclusiva os sufixos referenciante {-a} (RFR), aspectuais prospectivo {-ram} (PROSP) e retrospectivo {-ker} (RETR), locativo {-pe} (LOC), translativo {-reme} (TRANS) e coletivo {-ker} (COL).

É relevante, para o tema aqui discutido, explicitar que os nomes podem exercer três funções. Podem, por exemplo, ocorrer como argumento de predicados locativos<sup>5</sup> e de predicados nominais equativos, exercendo uma função referenciante como ilustrado pelo nome próprio *Wa’amaxã-a* mais abaixo em (12-14)). Podem, também, ocorrer como adjunto correferencial<sup>6</sup> de predicados verbais (como *kamixa* ‘jabuti’ e *arakaxa’a* ‘mamão’ em (11)), em que também têm função referenciante. Por fim, podem ocorrer adicionalmente exercendo a função de núcleo de predicado na sentença (como *awatea* ‘Guajá de verdade’ e *hamiriko* ‘esposa dele’ em (12) e (13), respectivamente).

- |      |       |            |               |           |        |      |
|------|-------|------------|---------------|-----------|--------|------|
| (11) | (a'e) | (kamixa-Ø) | (arakaxa'a-Ø) | u-'u      | (a-pe) | anỹ  |
|      | DEIT  | jabuti-RFR | mamão-RFR     | 3.A-comer | lá-LOC | CONJ |

‘Então, ele, o jabuti, come o mamão lá.’ (Magalhães et. al. 2024, p.9)

Uma vez funcionando como núcleos de predicados, este predicado nominal possui sua grade argumental constituída sempre de um argumento externo e, a depender da valência deste nome, também de um argumento interno. Os nomes que possuem apenas um argumento, sendo esse externo, são chamados de monovalentes (12), como a raiz nominal *awa* ‘Guajá’. Já os que ocorrem com dois argumentos, sendo um argumento interno e outro externo, são chamados de divalentes (13-14), como a raiz nominal *miriko* ‘esposa’. O argumento interno dos nomes divalentes é expresso por um SN ligado ao núcleo nominal pelo prefixo *linker*, como em (13), ou pela Série NA de marcadores pessoais, como em (14).

- |      |                   |                 |
|------|-------------------|-----------------|
| (12) | <i>Wa’amaxã-a</i> | <i>awa-te-a</i> |
|      | N.PR-RFR          | Guajá-AUT-RFR   |

<sup>5</sup> No predicado locativo a seguir, o nome *tapir* ‘anta’ exerce a função de argumento externo: *tapir’ir-a ka’a-pe* <anta-RFR mata-LOC> ‘A anta está na mata.’

<sup>6</sup> Conforme Magalhães, Praça e Cruz (2019), no Guajá o “núcleo do predicado verbal expressa seus argumentos por meio de índices de pessoa, de modo que os sintagmas nominais, sempre opcionais, são interpretados por nós como adjuntos correferenciais, isto é, elementos periféricos cuja função é apenas esclarecer a referência dos índices pessoais, que são os verdadeiros argumentos”. Cabe ainda ressaltar que o termo *adjuntos correferenciais* é proposto por Queixalòs (2016) em análise da língua Sikuani.

‘Wa’amaxia é uma Guajá de verdade.’ (Magalhães e Mattos 2014:262)

- (13) *Wa’amaxĩ-a Xiparẽxa’a r-miriko-a*  
N.PR-RFR N.PR LK-esposa-RFR

‘Wa’amaxia é a esposa do Xiparẽxa’a.’

- (14) *Wa’amaxĩ-a ha-miriko-a*  
N.PR-RFR 3.NA-esposa-RFR

‘Wa’amaxĩ-a é a esposa dele.’ (Magalhães e Mattos 2014:262)

Assim, em (12) *awatea* ‘Guajá de verdade’ é o núcleo monovalente de um predicado equativo-inclusivo e seu argumento único, externo, é *Wa’amaxĩa* ‘Wa’amaxia’. Em (13) e (14), *mirikoa* ‘esposa’ é o núcleo de um predicado equativo divalente e seu argumento interno é o nome próprio *Xiparẽxa’a* no dado (13) e o índice de terceira pessoa {*ha-*} no dado (14). Em ambos os casos, o argumento externo é o nome próprio *Wa’amaxĩa* ‘Wa’amaxia’.

Os três predicados ilustrados acima são denominados por Magalhães (2007) de predicados nominais equativo-inclusivos por expressarem, ora uma equação, ora uma inclusão entre dois Sintagmas Nominais (SN). Um deles exerce a função de argumento e o outro a de núcleo de predicado. O exemplo (12) expressa noção inclusiva, porque o sintagma nominal que é argumento externo está incluído na categoria de elementos representada pelo Sintagma Nominal predicado. Já os exemplos (13) e (14) expressam noção equativa pelo fato de o argumento e o predicado serem extensionalmente idênticos.

Além de figurarem como núcleos de predicados equativo-inclusivos, os nomes também podem ocupar a posição de predicados existenciais, quando assumem a função de predicar a existência de uma entidade (e não de relacionar um predicado a um argumento). Nessa função, caracterizam-se por constituir um todo fechado, sem argumento externo, seja seu núcleo um nome monovalente (15) ou divalente (16). Assim, em (15), o nome *tapi’i* ‘anta’ é núcleo de um predicado existencial e não está associado a nenhum argumento, pois *ka’a-pe* ‘na mata’ é apenas um adjunto adverbial da oração. Em (16), a raiz nominal *ay* ‘filho’ é núcleo de um predicado existencial associado ao seu argumento único obrigatório e interno ao sintagma, o pronome clítico de primeira pessoa {*ha=*}.

(15) *tapi'i ka'a-pe*

anta mato-LOC

‘Tem anta na mata.’ (Magalhães e Mattos 2014:267)

(16) *ha = r-a'y*

1.NA = LK-filho

‘Eu tenho filho.’ (Magalhães e Mattos 2014:267)

Em resumo, em termos de função sintática, os Sintagmas Nominais do Guajá, sejam eles formados por núcleos nominais ou nominalizados, funcionam como adjunto correferencial de predicados verbais (cf. Magalhães, Praça e Cruz 2019), argumento externo de predicados locativos e nominais equativo-inclusivos, argumento interno de sintagmas nominais e posposicionais e núcleo de predicados nominais equativo-inclusivos e existenciais.

Ressaltamos que, entre esses dois tipos de predicados nominais, apenas os existenciais podem ser nominalizados, conforme veremos mais adiante.

## 2 OS MORFEMAS NOMINALIZADORES DO GUAJÁ

Uma vez detalhadas as classes de palavras que podem receber os morfemas nominalizadores, apresentaremos os cinco afixos que derivam nomes propriamente ditos. Esses nomes derivados se comportam como qualquer nome da língua, obedecendo aos mesmos critérios morfológicos e sintáticos que caracterizam a classe dos nomes, a saber: (i) recebem sufixo nominal referenciante (RFR) e marcadores aspectuais exclusivos de nomes, como os sufixos de atualização nominal retrospectivo (RETR) e prospectivo (PROSP), (ii) ocorrem com os sufixos casuais locativo *{-pe}* (LOC) ou translativo *{-reme}* (TRANSL), e com o coletivizador *{-ker}* (COL) e (iii) funcionam sintaticamente como SN adjunto correferencial ou SN argumento externo e interno de qualquer tipo de sintagma (verbal, nominal ou adverbial), assim como funcionam como núcleo dos dois tipos de predicados nominais descritos anteriormente. De acordo com Magalhães (2007), as palavras nominalizadas podem ser negadas por meio do sufixo de negação nominal, que apresentam os alomorfes *{-j'ym ~ -'ym}*, conforme será detalhado na seção 5.

A tabela abaixo apresenta os morfemas nominalizadores da língua Guajá, que serão descritos detalhadamente em seguida:

Tabela 3: Morfemas nominalizadores do Guajá

Morfemas	Glosa	Base	Função	Tipo de nominalização
<b>-há</b>	NMZ.CIRC	verbos transitivos, verbos intransitivos eventivos e estativos, expressões adverbiais	nominalização de circunstância	forma nomes que expressam semântica de evento, lugar, instrumento, estado, circunstância
<b>-har</b>	NMZ.AGT	verbos transitivos, expressões adverbiais	nominalização de agente	forma nomes com semântica de agente e pertinência ao lugar indicado pela expressão adverbial
<b>imi-</b>	NMZ.PAC1	transitivos	nominalização de paciente 1	forma nomes com semântica de paciente com referência explícita ao possuidor
<b>-pyr</b>	NMZ.PAC2	transitivos	nominalização de paciente 2	forma nomes com semântica de paciente sem referência explícita ao possuidor
<b>-ma'a</b>	MMZ.QLF	predicados verbais intransitivos e predicados nominais existenciais	nominalização qualificadora	Forma nomes com semântica qualificadora: o que faz X, o que é X, o que tem X.

Todos os afixos nominalizadores aqui listados são produtivos e derivam nomes que são usados com alta frequência em discursos naturais.

## 2.1. NOMINALIZADOR DE CIRCUNSTÂNCIA (NMZ.CIRC): -(A)HA- ~ -A

Esse morfema é muito produtivo na língua e acrescenta-se a raízes verbais intransitivas eventivas (17) ou estativas (18), transitivas (19, 20, 21 e 22), e expressões adverbiais (23), produzindo nomes que exprimem atividade (17), estado (18), lugar (19), instrumento (20), ou circunstância (21, 22 e 23). Forma nomes associados obrigatoriamente a um argumento interno por meio do prefixo *linker* (LK) ou do prefixo de terceira pessoa da série não-ativa (NA). O alomorfe {-*ha*} ocorre após raízes terminadas em vogal, o alomorfe *-aba* após raízes terminadas em consoante e o alomorfe {-*a*} (tônico) deste nominalizador ocorre somente quando seguido do sufixo de atualização nominal retrospectiva (Magalhães 2007, p.208), como em (22) e (23).

(17) *o-bo ta xi awa wari Ø-jân-aha-pe*

3.A-ir PROJ IMPF CTP guariba LK-cantar-NMZ.CIRC-LOC

‘Ele viria pelo (atrás do) canto do guariba.’ (Magalhães et. al. 2024:9)

(18) *mõ jaby i-pa'aruby-ha mijẽ*

INT lua 3.NA-estar.grávida-NMZ.CIRC quanto

‘Quantas luas tem a gravidez dela?’ (Magalhães 2007:209)

(19) *ba=Ø-ma'a Ø-mibin-aha-Ø*

1.NA=LK-caça LK-cozinhar- NMZ.CIRC-RFR

‘meu lugar de cozinhar caça (o girau)’ (Magalhães 2007:209)

(20) *waxi Ø-marara-ha-Ø*

waxi LK-moer- NMZ.CIRC-RFR

‘instrumento de ralar milho (moedor de milho)’ (Magalhães, dado de campo não publicado)

(21) *awa r-avirok-aha-pãj-a ma'a Ø-ka'a-p-abar-a*

peessoa LK-nomear-NMZ.CIRC-TOT-RFR coisa LK-floresta-LOC-NMZ.AGT-RFR



- (26) *o-bo ta xi awa wari Ø-jân-aha-pe*  
3.A-ir PROJ IMPF CTP(S) guariba LK-cantar-MNZ.CIRC-LOC  
‘Ele viria no (atrás do) canto do guariba.’ (Magalhães et. al. 2024:9)

- (27) *Ø-u Jawajaxa’a-mỹn-a nỹ = Ø-maka-ha-pe anỹ*  
3.A-uir N.PR.-falecido-RFR 3.PL.NA = LK-rir-MNZ.CIRC-LOC CONJ  
‘Então, o falecido Jawajaxa’a veio na (atrás da) risada deles.’ (Magalhães et. al. 2024:14)

A estrutura semanticamente correspondente, com a partícula subordinadora temporal *mehẽ*, é também possível, mas menos usual<sup>7</sup>:

- (28) *o-bo ta xi awa wari jã mehẽ*  
3.A-ir PROJ IMPF CTP(S) guariba cantar SUB.TEMP  
‘Ele viria quando o guariba cantasse.’

- (29) *Ø-u Jawajaxa’a-mỹn-a maka mehẽ nỹ anỹ*  
3.A-uir N.PR.-falecido-RFR rir SUB.TEMP 3.PL.SUJ CONJ  
‘Então, o falecido Jawajaxa’a veio quando eles riram.’

Assim, as sentenças em (26) e (27) são nominalizações lexicais que exercem a mesma função semântica tipicamente desempenhada pelas orações subordinadas temporais com *mehẽ* (28) e (29), tendo, ambas as estruturas, semântica temporal. Essa correspondência levou Magalhães (2007:264) a apresentar tais estruturas nominalizadas como orações adverbiais temporais nominalizadas.

Por fim, ainda a respeito deste morfema, há no Guajá também raízes verbais em que o nominalizador *-ha* se encontra lexicalizado. Isso ocorre, por exemplo, com a raiz do verbo *iku* ‘estar/ ficar em movimento’, resultando no que seria literalmente interpretado como ‘lugar de estar em movimento’. Por ser uma raiz lexicalizada, ela apresenta alteração

<sup>7</sup> Apesar de já ter sido solidamente atestada a estrutura dos exemplos (28) e (29) em dados naturais, estas sentenças foram apresentadas em contexto de elicitación, tendo como referência os dados (26) e (27), extraídos de contextos naturais de fala.

fonética (*iku ~ akw*) e não pode mais ser segmentada morfológicamente: *akwaha* ‘território de/lugar de/terra de’:

- (30) *Ajape, taỹ, iramiri r-akwaha ta ajpo!*  
INTERJ VOC passarinho LK-território PROJ POSS

‘É mesmo, parceiro, deve ser lugar de passarinho!’ (Magalhães et. Al. 2024:36)

## 2.2. NOMINALIZADOR DE AGENTE (NMZ.AGT): *-(A)HA(R)*

O sufixo nominalizador de agente acrescenta-se a raízes verbais transitivas (31-32) e a complementos locativos formados por advérbios locativos (33), posposições (34) ou nomes flexionados pelo caso locativo (35). Quando anexado a verbos, resulta em nomes com papel semântico de agente e quando anexado a complementos locativos, resulta em nomes que indicam pertinência de um dos argumentos da sentença ao lugar indicado pela expressão adverbial. É obrigatória a expressão do argumento interno do verbo transitivo nominalizado ou do argumento interno da posposição nominalizada, sempre por meio do índice pessoal não-ativo (como em 31) ou por meio de um Sintagma Nominal (como em 32-34).

- (31) *a’ei iji-pyhyk-ahar-a*  
DEM 3.NA-pegar-MNZ.AGT-RFR

‘Ele é o pegador dele.’ (Magalhães 2007:210)

- (32) *pape Ø-japo-har-a jaba*  
papel LK-fazer-MNZ.AGT-RFR eu

‘Eu sou professor (fazedor de papel/elaborador de documentos).’ (Magalhães, 2007:210)

- (33) *Ø-webẽ py b-aĩ Ø-nykytyry-har-a i-pe anỹ*  
3.A-nascer primeiro 3.NA-dente LK-embaixo-NMZ.AGT-RFR 3.NA-DAT CONJ

‘Primeiro nasce o dente inferior (o de baixo) nela (na criança).’ (Berto et al., não publicado)

- (34) *jakuir-a kipi’i r-ebe-har-a a’ia*

esp.de.abelha-RFR

cupim

LK-sobre-NMZ.AGT-RFR DEIT

‘Ela é a *jakuira* (esp. de abelha), a que fica sobre o cupinzeiro.’ (Magalhães et. al., não publicado)

(35) *ma'a* *r-avirok-aha-päj-a*

*iva-p-ahar-a*

coisa LK-nomear-NMZ.AGT-TOT-RFR

céu-LOC-NMZ.AGT-RFR

‘Os nomes de todas as coisas são do céu (do que é do céu).’ (Berto et al., não publicado)

Em sua função acima mencionada de indicar pertinência de um referente ao lugar indicado pela expressão adverbial, o sufixo nominalizador {-*har*} é muito produtivo na formação de SNs genitivos.<sup>8</sup> Nesses casos, o núcleo nominalizado especifica a origem do SN que funciona como seu argumento interno. No exemplo abaixo, o SN núcleo *nypabara* ‘o (que é) da terra’, nominalizado a partir do nome *ny* ‘terra’ associado ao sufixo locativo, localiza espacialmente a origem do SN *haj* ‘mel’, ao qual está associado dentro do mesmo constituinte. Não é qualquer ‘mel’ que é comido, mas o mel que é da terra.

(36) *u'u* [[*haj*] *Ø-ny-p-ahar-a*] <sup>SNGen</sup> *mĩ-pe* *anỹ*

3.A-comer mel LK-terra-LOC-NMZ.AGT-RFR longe-LOC CONJ

‘E ele come mel da terra, lá no fundo.’ (Magalhães et. Al. 2024:10)

Conforme se observa nos dados abaixo, entre a raiz nominalizada e o nominalizador, há a possibilidade da ocorrência de certos morfemas que ocorrem mais diretamente associadas ao núcleo do predicado, como o sufixo de intensidade {-*katy* ~ -*kata*} ‘bem’ e o sufixo de aspecto projetivo {-*ta*} (do exemplo (68), renumerado abaixo como (38)):

<sup>8</sup> Apesar de serem equivalentes funcionais a orações relativas do português, as nominalizações com {-*har*} formam SN genitivos, excluindo a possibilidade de análise da estrutura como relativa. O prefixo *linker*, cuja função é relacionar o núcleo de um sintagma com seu argumento interno evidencia a relação de constituição entre o núcleo nominalizado e seu argumento nos exemplos (36) e (37) (com alomorfes *Ø-* e *n-*, respectivamente). Outra evidência é a ausência do sufixo referenciante *-a* na raiz do nome que exerce o papel de argumento interno: usa-se *haj* para ‘mel’ e não *hajr-a*, em (36), assim como *pape*, *hāj* e *kipi'i*, e não *pape-a*, *hāj-a* e *kipi'ir-a* em (32-34). Em Guajá é regra que, na posição de argumento interno de um sintagma qualquer, o nome deixe de ocorrer marcado pelo sufixo referenciante {-*a*}, sendo esta uma evidência morfossintática de sua função.

- (37) [awa] [[Ø-*ma'i-ha*] *n-inĩ-katy-har-a*]<sub>SN<sup>gen</sup></sub>  
pessoa 3.NA-orientar-NMZ.CIRC LK-entender-INTS-NMZ.AGT-RFR  
Ø-*imarakwa* *t-u* Ø-*ĩ-ha* *r-ebe*  
3.A-refletir HUM-pai LK-falar-NMZ.CIRC LK-sobre

‘As pessoas que entendem bem as orientações refletem sobre a fala do pai.’ (lit. ‘As pessoas bem entendedoras das orientações refletem sobre a fala do pai’) (Magalhães et al. 2025, não publicado)

- (68) *na'axi-titi* *ma'a* *ika-ta-pyr-a*  
nada-AUT caça matar-PROJ- NMZ.PAC2-RFR

‘Nada de caça morta.’

Como é associado a verbos transitivos eventivos e expressões adverbiais locativas, o morfema {-*har*} está em distribuição complementar com o nominalizador {-*ma'a*}, que somente ocorre com verbos intransitivos e nomes.

### 2.3. NOMINALIZADOR DE PACIENTE (NMZ.PAC1): *IMI-*

Segundo Rodrigues (2001), referindo-se ao Tupinambá, uma língua com estruturas nominalizadoras similares às do Guajá e com morfema cognato, o morfema nominalizador {-*imi-*} “focaliza o paciente em dependência do agente, que é expresso em construção possessiva”. Traduzindo a descrição de Rodrigues para os nossos termos, podemos afirmar que este morfema nominalizador, único prefixo entre os demais sufixos nominalizadores, acrescenta-se a raízes transitivas e forma nomes divalentes com papel semântico de paciente. O participante semanticamente referente ao argumento agente da construção verbal correspondente é sempre expresso como o possuidor do SN divalente formado, isto é, como argumento interno ao Sintagma Nominal, como ilustram os dados a seguir:

- (39) *py'yr-a* *ha=r-imi-japo-ker-a* Ø-*mixaro*  
pulseira-RFR 1.NA=LK-NMZ.PAC1-fazer-RETR-RFR 3.A-arrebentar

‘A pulseira, a que foi feita por mim, arrebentou.’

- (40) *karainỹ* *r-imi-ru-ker-a*  
 estrangeiro LK-trazer- RETR-RFR  
 ‘aquilo que o estrangeiro trouxe’

Esse argumento interno, com papel semântico de possuidor, pode ser expresso por meio das marcas de pessoa da Série Não Ativa (39) ou por meio de um SN (40).

Entendemos que a correlação entre um predicado verbal correspondente e verbo nominalizado levou Rodrigues (*op.cit.*) a afirmar que o foco deste tipo de nominalização está “no paciente em dependência agente, que é expresso em construção possessiva”. Isto é, o SN *ba=r-imi-japo-ker-a* ‘aquilo feito por mim’, em (39), teria como correlato verbal *a-japo* <1.A-fazer> ‘eu fiz (algo)’. O agente de primeira pessoa da construção verbal corresponde ao que se tornou o possuidor do nome derivado.

Para além disso, de acordo com Rodrigues, Cabral e da Silva (2006), em várias línguas Tupi-Guarani, como no Tuparí, no Karitiana e no Aweti, são encontradas nominalizações com cognatos do morfema {*mi-*} que se especializaram, ou seja, em que o prefixo se lexicalizou e passou a ser interpretado como parte da raiz em palavras específicas, como ‘esposa’ e ‘comida’. No Guajá, esse morfema encontra-se lexicalizado em palavras como ‘animal de caça’ (41), ‘caça’ (42), ‘esposa’ (43) e ‘neto’ (44), em que se evidencia estreitamento semântico e não-transparência dos itens lexicais, como ilustram os exemplos abaixo:

- (41) *Ø-jã* *amõ* *xi* *ma’amiar-a* *po*  
 3.A-cantar outro IMPF caça-RFR lá.em.cima

*ba-mi-japo-ke-pe*

3.A-NMZ.PAC1-fazer-RETR-LOC

‘Cantam outras caças lá em cima para aqueles que foram feitos por ele (para os filhos dele).’

- (42) *irabo* *r-imiãr-a* *Ø-ru* *keny* *ha-ja* *anỹ!*  
 gavião LK-caça-RFR 3.A-trazer ali 3.NA-de CONJ

‘Então, ele trouxe a presa do gavião de lá para cá.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

- (43) *a-japo ta ha=n-imiriko-reme*  
1.A-fazer PROJ 1.A=LK-esposa-TRANSL  
'Eu vou torná-la minha esposa.' (Magalhães et al. 2024:3)

- (44) *Ava jaria ha-miãru-a O-mibu py 'y O-pepe*  
pessoa idosa 3.NA-neto-RFR 3.A-banhar primeiro água LK-dentro  
'A pessoa idosa banha seu neto primeiro na água.' (Berto et al., não publicado)

A raiz nominal *ma'amijar-a* 'animal de caça' (41) vem de *ma'a-(i)mi-a(r)* <coisa-NMZ.PAC1-caçar> 'coisa caçada' e o nominalizador encontra-se lexicalizado porque não se usa mais a raiz verbal *ar* 'caçar', cognata de *ar* 'caçar/capturar' do Tupi Antigo (Carvalho 1987, p.169). O mesmo ocorre em *imiã(r)* (42), resultante da lexicalização de *imi-ar* <NMZ.PAC1-caçar> 'caça'. A palavra *imiriko* 'esposa' vem de *imi-riko* NMZ.PAC1-ficar.com 'aquela que fica comigo', mas o verbo ficar não ocorre mais na forma arcaica *riko* e sim com *rukú*. Assim, em 'esposa', o {*imi-*} também se encontra lexicalizado (43).

Já no nome *imi-ũ* <NMZ.PAC1-comer>, o verbo 'comer' *'u*, que na sua forma verbal não tem nasalidade, passa a ser nasal. Tal fato parece um indício de início de lexicalização, assim como ocorre em certas variedades com o verbo *\*ar* 'caçar', pronunciado como *ãn*, quando associado ao prefixo {*imi-*} lexicalizado. Em pesquisas recentes sobre nasalização em Guajá (Ramos et al., a ser publicado), há indícios de que o espraiamento da nasalidade não se dá na fronteira de morfemas, o que seria uma evidência para a lexicalização desses vocábulos, isto é, a nasalização das raízes verbais indicaria que não se está interpretando haver fronteira morfológica nestes vocábulos, como ilustra o exemplo a seguir:

- (45) *kwa nỹ-ni ke ha-mi'ũ japuny-pe*  
MOSTR 3.NA-INDII aqui 3.NA-comida debaixo-LOC  
'Aqui estão eles debaixo da comida dele.' (Magalhães et. al. 2024:43)

Em algumas línguas da família Tupi-Guarani, o morfema {*imi-*} deixou de ser produtivo, restando dele apenas vestígios em nomes. Cruz (2011), por exemplo, afirma que em Nheengatú, nomes como *yutima* 'plantar' e *mitima* 'plantação' são nomes em que esse morfema se encontra lexicalizado. O mesmo ocorre no Emerillón, consoante Rose (2003): o nome *imi2ũ* 'comida' é o resultado de uma lexicalização. Embora o Guajá tenha algumas palavras lexicalizadas, o prefixo {*imi-*} ainda não perdeu sua produtividade pois,

como foi demonstrado nos primeiros dados desta subseção, podemos atestar casos em que esse morfema continua produtivo.

#### 2.4. NOMINALIZADOR DE PACIENTE (NMZ.PAC2): -PYR ~ -PER

Este sufixo acrescenta-se somente a radicais verbais transitivos para derivar nomes com papel semântico com foco exclusivo no paciente. Em conformidade com Rodrigues (2001), em sua descrição do Tupinambá, essa “nominalização de paciente focaliza este em si mesmo, independentemente do agente, que é referido somente pelo prefixo para determinante omitido”. Assim como no Tupinambá, também no Guajá, esse nominalizador forma nomes divalentes com papel semântico de paciente, associados sempre a um possuidor de 3ª pessoa da Série Não-Ativa (3.NA), seu argumento interno. Em muitas raízes, especialmente as iniciadas por *i* ou *j*, esse marcador pessoal não se manifesta fonologicamente (como em 47, 48 e 49). O alomorfe {-*per*} do nominalizador ocorre somente quando seguido do sufixo de atualização nominal retrospectiva {-*er*}, como em (ex. 42).

(46)	<i>pape-a</i>	<i>karai</i>	<i>tamỹ</i>	<i>Ø-pe</i>	<i>ha-xak-aka-pyr-a</i>
	papel-RFR	não.indígena	chefe	LK-DAT	3.NA-ver-CAUS-NMZ.PAC2-RFR

‘documento mostrado para os responsáveis pela saúde dos Awá’ (Berto et al., não publicado)

(47)	<i>arapaba-Ø</i>	<i>Ø-iku</i>	<i>Ø-ika-pyr-reme</i>	<i>pyba</i>
	voador-RFR	3.A-estar	3.NA-matar-NMZ.PAC2-TRANS	de.noite

‘O voador estava (como) morto à noite.’

(48)	<i>awa</i>	<i>r-iba</i>	<i>Ø-pe</i>	<i>Ø-my-tyky-pyr-ate-a</i>
	pessoa	LK-olho	LK-DAT	3.NA-CAUS-pingar-NMZ.PAC2-AUT-RFR
	<i>ari-xa</i>	<i>ta</i>	<i>xi</i>	<i>aria</i>
	13.A-ver	PROJ	IMPERF	nós

‘Queríamos ver aqueles autênticos que são pingados (colírio), para olhos de pessoas.’ (Berto et al., não publicado)

- (49) *pape* Ø-*japo-per-er-a* *a-manõ* *Jakuxa'aØ-pe*  
 papel 3.NA-fazer-NMZ.PAC2-RETR-RFR 1.A-enviar *Jakuxa'a* LK-para  
 'Eu enviei para o *Jakuxa'a* o que foi escrito, o papel.' (Magalhães 2007:212)

- (50) *Tapi'irakwariru-a amõ-a* *hair-a* *i-'u-pyr-y'ym-a*  
 esp.de mel-RFR outro-RFR mel-RFR 3.NA-comer-NMZ.PAC2-NEG-  
 RFR  
 'Tapi'irakwarirua é outro mel, não comestível.' (Magalhães et al. 2025, não publicado)

Diferentemente do que ocorre nas nominalizações com *{imi-}*, o participante referente ao agente da construção verbal correspondente nunca é expresso por meio de SN e normalmente é omitido nas sentenças, sendo a referência a ele ocultada pelo uso obrigatório da marca de terceira pessoa não ativa no nome resultante dessa nominalização. Mas pode, ocasionalmente, se manifestar como um participante oblíquo associado à posição dativa *{-pe}*, como em (46).

Esses tipos de construção levaram Seki (2000, p.285-286) a afirmar que tanto o sufixo cognato ao *{-pyr}*, quanto o cognato ao *{imi-}* em Kamaiurá, por nominalizarem verbos transitivos com semântica voltada para o paciente, seriam funcionalmente equivalentes à passiva do português. No entanto, se considerarmos desde as definições mais formais (Permutter e Postal, 1974) às mais funcionais (Givón, 2012) de construções passivas, nenhuma destas estruturas pode ser analisada como tal, uma vez que resultam em nomes (ocupando qualquer posição comum a um SN) e não em sentenças verbais.

Assim sendo, há no Guajá dois morfemas nominalizadores que derivam verbos transitivos em nomes divalentes semanticamente orientados para o papel de paciente: *{imi-}*, que expressa morfológicamente seu argumento interno por meio de um SN ou uma marca de pessoa da Série Não Ativa, explicitando-o, e *{-pyr}*, com foco exclusivo no paciente, sem menção ao explícita ao possuidor, seu argumento interno, omitindo sua referência por meio do uso exclusivo da marca de terceira pessoa da Série Não Ativa.

## 2.5. NOMINALIZADOR DE PREDICADOS (NMZ.PRED): -MA'A

Esse sufixo nominaliza tanto predicados verbais intransitivos eventivos e estativos, quanto predicados nominais existenciais, que têm nomes como núcleos. Deriva nomes que indicam 'o que faz x' (51-52.), 'o que é/está x' (53-55) e 'o que tem x' (56-57), respectivamente, isto é, nomes com semântica qualificadora.

(51) *jã-ma'a*

cantar- NMZ.PRED

‘o que canta/cantor’ (Magalhães 200:213)

(52) *Mõ karai wahy mõi awa r-ebe inu'ũ-ma'a*  
*anyĩ?*

QU não.indígena mulher onde pessoa LK-sobre cuidar- NMZ.PRED CONJ

‘Onde está a mulher não indígena que cuida das pessoas (assistente social = aquela que cuida das pessoas)?’ (Berto et al., não publicado)

(53) *ira-Ø b-atỹ-ma'a aparaju'y-a*

árvore-RFR 3.NA-ser.forte/dura-NMZ.PRED maçaranduba-RFR

‘A maçaranduba é uma árvore que é forte (dura, resistente).’ (Magalhães et. al. 2024:8)

(54) *Kwa amõ ti pe-pe nỹ. b-awa pĩrahõ-ma'a nỹ*

MOSTR outro bem ali-LOC CONJ 3.NA-polpa ser.vermelho-NMZ.PRED  
CONJ

*Kwa amõ ti pe-pe. H-awa xũ-ma'a anyĩ.*

MOSTR outro bem ali- LOC 3.NA-polpa ser.branco-NMZ.PRED CONJ

‘Lá está outro (inajá) bem ali. A polpa dele é das que são vermelhas. E lá está outro bem ali. A polpa dele é das que são brancas.’ (Magalhães et. al. 2024:38)

(55) *ari-po-pyby xi awa-Ø b-aby-ma'a anyĩ?*

2.A-mão-pegar IMPERF pessoa-RFR 3.na-estar.doente-NMZ.PRED CONJ

‘se você cumprimentar (mão-pegar) a pessoa doente também (pega covid)?’ (Berto et al., não publicado)

(56) *ja'ake, jameke piru-kata-ma'a*

polpa casca descamar-bem-NMZ.PRED

'Tem polpa, aquela que tem a casca bem descamada.' (Magalhães et. al. 2024:10)

(57) *ja-päj-ma'a*

*ira*

*ari=Ø-pe*

*aria*

dono-todos-NMZ.PRED

árvore

13.NA=LK-DAT

nós

'Para nós, as árvores são aquelas que todas têm donos.' (Berto et al., não publicado)

A ocorrência do nome resultante da nominalização de verbos com *-ma'a* perdeu, em geral, a marcação de pessoa, restando marcado apenas o sufixo de 3ª pessoa da Série Não Ativa de alomorfe {*b-*} quando associado a verbos estativos, como em (58). Com verbos eventivos, como em (59), o prefixo esperado {*i-*} de 3ª pessoa da Série Não Ativa não ocorre, porém, quando a raiz é nominal, este está presente, como em (60).

(58) *b-e-ra'o-ma'a*

*añ!*

3.NA-ser.saboroso-INTS-NMZ.PRED

CONJ

'E é dos que são muito saborosos! (Magalhães et al. 2024:38)

(59) *nata-ma'a*

*Mihaxa'a*

caçar-NMZ.PRED

N.PR

'Mihaxa'a é caçador.'

(60) *i-mymy-ma'a*

*jaha*

3.NA-filho-NMZ.PRED eu

'Eu sou a que tem filho.'

### 3 SNs COMO ADJUNTOS CORREFERENCIAIS E A FUNÇÃO QUALIFICADORA DAS NOMINALIZAÇÕES

Conforme explicado anteriormente, no Guajá, os nomes, quando não estão funcionando como predicados, exercem a função referenciante, podendo ocorrer como argumento de predicados locativos e nominais equativos ou como adjunto correferencial de qualquer tipo de predicado verbal. Cabe, neste momento, explicitar que, conforme Cruz, Magalhães e Praça (2023:20):

(...) em predicados verbais, os argumentos, sejam eles externos ou internos, só podem ser expressos por meio dos marcadores associados ao núcleo verbal, sendo o argumento externo expresso pelos marcadores da pessoa da Série Ativa (A) e o argumento interno expresso pelos marcadores pessoais da Série Não Ativa (NA).

Essas hipóteses são ancoradas na análise de que há nas línguas Tupi-Guarani características omnipredicativas e não configuracionais (cf. Magalhães, Praça e Cruz 2019), entre as quais, uma ordem de constituintes determinada pragmaticamente, a opcionalidade da ocorrência dos SNs e a presença de sintagmas “descontínuos”.

No Guajá, apesar de ser possível se identificar uma ordem básica de constituintes (AOV), outras ordens também são encontradas com bastante frequência, a ponto de podermos classificar a língua como tendo ordem livre de constituintes. Isto significa que, da mesma forma como afirma Leite (2003:19) para o Tupinambá e outras línguas da família Tupi-Guarani, “a ordem sintagmática não tem função gramatical, como em português, mas apenas pragmática.” No Guajá, a ordem dos constituintes é determinada pela topicalização, focalização, entre outras necessidades pragmáticas.

Neste tipo de língua, além da flexibilidade na ordem dos constituintes, a expressão dos SNs é opcional, ambas as características relacionadas ao fato de que os argumentos dos predicados verbais são as marcas de pessoa expressas no núcleo do predicado. Assim, os sintagmas nominais que ocorrem em predicados verbais são opcionais e têm ordem determinada pragmaticamente justamente porque eles não são argumentos, mas adjuntos correferenciais, isto é, sua função é a de explicitar a referência dos índices pessoais, que são os verdadeiros argumentos<sup>9</sup>.

Outra característica do Guajá, típica das línguas não configuracionais ou omnipredicativas é a identificação na sua estrutura de constituintes “descontínuos”, isto

<sup>9</sup> Para maior esclarecimento acerca da análise e evidências para atestar a hipótese das características omnipredicativas (e não configuracionais) do Guajá, confira Magalhães, Praça e Cruz (2019).

é, encontra-se, nas sentenças, elementos nominais que normalmente fazem parte de um mesmo sintagma em outras línguas, mas que, nesta língua, podem ocorrer distantes um do outro, intercalados por outros constituintes.

Os dados a seguir ilustram todas as características acima mencionadas:

(61) *Ø-aho nyty r-ebe 'y-pe [amõ-a] ['y-a]*  
3.A-ir montanha LK-sobre rio-LOC **outro-RFR** **rio-RFR**  
‘(Ele) foi pela montanha até o rio, outro rio.’

(62) *a-japi [xahu-a] [amõ-a]*  
1.A-atirar **queixada-RFR** **outro-RFR**  
‘Eu atirei em outro queixada.’

(63) *Tatuxa'a-Ø [xahu-a] Ø-ika [amõ-a]*  
Tatuxa'a-RFR **queixada-RFR** 3.A-matar **outro-RFR**  
‘Tatuxa'a matou outro queixada.’

Todas essas sentenças seriam gramaticais, isto é, perfeitamente inteligíveis para os falantes sem a presença de qualquer um dos SNs nela expressos, o que ilustra a opcionalidade destes constituintes. Ademais, a ordem entre o predicado verbal e os SNs que se referem a seus argumentos expressos pelas marcas de pessoa no verbo é determinada discursivamente e não sintaticamente, como se pode atestar pela variabilidade entre o SN que corresponde ao objeto nos dados (62) e (63), sendo que neste ele precede o verbo e naquele ele segue. Por fim, em todos os dados há o SN *amõa* ‘outro’, que qualifica outro SN da sentença, porém, ambos não fazem parte de um mesmo constituinte, podendo o SN *amõa* ocorrer precedendo o SN a que se refere (61), seguindo (62) ou sendo intercalado por outro constituinte (63). Essa característica evidencia a possibilidade que esta língua tem de ter mais de um constituinte se referindo ao mesmo argumento verbal, na função de qualificador do referente principal: *amõa* ‘outro’ qualifica o referente *'ya* ‘rio/água’ em (55) e o referente *xahua* ‘queixada’ em (62) e (63).

Dessa forma, qualquer SN da língua, seja ele um nome lexical ou o nome resultante de uma nominalização, apresentará o mesmo comportamento: ou funciona como predicado, ou como argumento de predicado locativo ou equativo ou, como nos três exemplos acima, funciona como adjunto correferencial dos argumentos verbais expressos pelas marcas de pessoa do verbo, podendo inclusive haver mais de um SN para expressar o mesmo referente.

Uma vez esclarecido o contexto teórico de nossa análise sobre a estrutura da língua, retomamos ao foco nas nominalizações e suas funções. Alguns autores, ao

descreverem línguas Tupi-Guarani, têm classificado os cognatos do nominalizador {-*ma'a*} como tendo a função de formar orações relativas. Rodrigues (1953), por exemplo, considera que o nominalizador {-*ma'a*} em Tupinambá forma nomes relativos, que equivalem a uma oração relativa. Na nossa análise do Guajá, por tudo o que acabamos de explicar, os nomes formados pelo nominalizador -*ma'a* funcionam como Sintagmas Nominais qualificadores de outro SN, podendo estar justaposto a ele ou intercalado por outro constituinte, e não como oração. O exemplo (64) abaixo ilustra esse fato, uma vez que a sequência *puhỹ parahỹ-ma'a* ‘remédio apropriado’ resulta da aposição de dois SNs, o segundo qualificando o primeiro. Isto é, temos um predicado verbal *parahỹ* ‘ser apropriado’ sendo nominalizado com {-*ma'a*} para qualificar o constituinte *puhỹ* ‘remédio’, ou seja, não é qualquer remédio que será comprado, mas o ‘apropriado’. Assim, interpretamos que o nominalizador {-*ma'a*} forma nomes que geralmente exercem a função de qualificador de outro SN expresso na sentença, estando justaposto a ele (64-66) ou separado por outros constituintes da sentença (67).

- (64) *Mõ* [puhỹ] [parahỹ-*ma'a*] *Ø-parikwa* *mõ* *nỹ* *anyĩ?*  
QU remédio ser.apropriado-NMZ.PRED 3.A-comprar onde PLU CONJ

‘Onde eles vão comprar remédio apropriado (o que é bom/perfeito/correto)?’ (Berto et al., não publicado)

- (65) [uru] [xũ-*ma'a*] *Ø-ma'i* *i-pe*  
urubu ser.branco-NMZ.PRED 3.A-perguntar 3.NA-DAT

‘O urubu que era branco perguntou para ele.’ (Magalhães et al. 2024:43)

- (66) *mõ* [b-*ava*] [piĩ-*ma'a*]  
outro 3.NA-polpa vermelha-NMZ.PRED

‘Tem outro que tem polpa que é vermelha.’ (Magalhães et al. 2024:38)

- (67) *Mõ* [karai *wahy*] *mõ* *awa* *r-ebe* [inu'ũ-*ma'a*] *anyĩ?*  
QU não.indígena mulher onde pessoa LK-sobre cuidar- NMZ.PRED CONJ

‘Onde está a mulher não indígenas que cuida das pessoas (assistente social = aquela que cuida das pessoas)?’ (Berto et al., não publicado)

Seki (2000) denomina o nominalizador {-*ama'e*} do Kamaiurá, cognato do {-*ma'a*} do Guajá, de nominalizador atributivo, justamente pela sua função qualificadora (ou atributiva). No entanto, observamos, no Guajá, que não apenas o nominalizador {-*ma'a*}, mas também os demais aqui apresentados, que resultam em nomes de agente e paciente, podem ocorrer na sentença atribuindo características a um outro SN. Assim, ambos os SNs se referem ao mesmo participante, como ilustram os dados a seguir com os nominalizadores de paciente {-*pyr*} (68) e {-*imi-*} (69) e com o nominalizador de agente {-*har*} (70):

(68) *na'axi-titi* [ma'a] [ika-ta-pyr-a]  
nada-AUT caça matar-PROJ- NMZ.PAC2-RFR  
'Nada de caça morta.'

(69) [py'yr-a] [ba=r-imi-japo-ker-a] Ø-mixaro  
pulseira-RFR 1.NA=LK-NMZ.PAC1-fazer-RETR-RFR 3.A-arrebentar  
'A pulseira feita por mim arrebentou.'

(70) [jakuir-a] [kipi'i] r-ebe-har-a a'ia  
esp.de.abelha-RFR cupim LK-sobre-NMZ.AGT-RFR DEIT  
'Ela é a *jakuirá* (esp. de abelha), a que fica sobre o cupinzeiro.' (Magalhães et al. 2025, não publicado)

Deste modo, nossa análise é a de que nenhum dos nominalizadores que formam nomes de agente ou paciente tem a função de formar orações relativas. Sua função é atributiva, podendo ocorrer sozinhos como referentes únicos dos argumentos ou qualificando, desassociados sintagmaticamente, outros SNs da sentença. Funcionam, assim, como adjuntos correferenciais dos argumentos expressos pelas marcas de pessoa no núcleo dos predicados verbais.

#### 4 A NEGAÇÃO DAS NOMINALIZAÇÕES

No que se refere à negação, os nomes resultantes de nominalizações no Guajá são negados da mesma maneira que os nomes lexicais: pelo sufixo  $\{-y'ym \sim -'ym\}$ , exclusivo de nomes, sendo seus alomorfes determinados pela ocorrência após raízes terminadas em consoante (71-72) ou após raízes terminadas em vogal (73)<sup>10</sup>. A posição do sufixo negativo é após o sufixo nominalizador e precedendo o sufixo referenciante  $\{-a\}$ , exceto quando combinado com  $\{-ma'a\}$  (74), em que ocorre em posição anterior ao sufixo. Essa forma distinta nos leva a interpretar que, neste caso, ele se lexicalizou, formando um só morfema nominalizador negativo  $\{-'yma'a\}$ .

- (71) *arapaba*                      *Ø-ika-pyr-y'ym-a*                      *a-jka*                      *ta*  
veado                      matar-NEG-NMZ.PAC2-RFR                      1.A-matar                      PROJ

‘O veado que não foi morto eu vou matar.’ (Magalhães 2007:285)

- (72) *awa-Ø*                      *kapijawa Ø-'u-har-y'ym-a*  
Awá-RFR                      capivara                      LK-comer-NMZ.AGT-NEG-RFR

‘Os Awá são não-comedores de capivara.’ (Magalhães 2007:285)

- (73) *karai*                      *Ø-inyr-aha-ŷm-a*                      *ari-xa*                      *ta*  
não-indígena                      LK-voltar-NMZ.CIRC-NEG-RFR                      12.A-ver                      PROJ  
*are=Ø-ka'a*                      *r-ebe*

12.NA=LK-mata LK-sobre

‘Eu quero ver a não volta dos não-índios na nossa mata.’ (Magalhães 2007:285)

- (74) *Marivalva-Ø*                      *i-mymy-kwa-'yma'a-Ø*

<sup>10</sup> A negação de nomes difere da negação de predicados independentes, realizada pelo marcador morfológico  $\{n = \dots -i\}$ , que nega tanto predicados verbais eventivos e estativos quanto predicados nominais existenciais, como ilustram os exemplos que se seguem: *n = ani-xak-i* <NEG = 2.A-ver-NEG> ‘você não (o) viu?’; *ne = b-e-j* <NEG = 3.NA-ser.gostoso-NEG> ‘não é gostoso’; *na = ha-miriko tar-i* <NEG = 3.NA-esposa PROJ-NEG> ‘ele não terá esposa’.

Marinalva-RFR

3.NA-filho-saber-NEG.NMZ.PRED-RFR

‘Marinalva é a que não sabe (não consegue) ter filho.’ (Magalhães 2007:285)

O sufixo  $\{-y'ym \sim -'ym\}$  não nega somente nomes e raízes nominalizadas, mas também orações subordinadas, atestando a natureza mais nominal destas estruturas. O exemplo a seguir mostra este sufixo nos dois ambientes: sua primeira ocorrência ilustra a negação do verbo *inũ* ‘entender/escutar’ nominalizado pelo sufixo nominalizador de agente  $\{-bar\}$ , e sua segunda ocorrência ilustra a negação da oração subordinada adverbial temporal de simultaneidade, marcada pelo sufixo subordinador  $\{-ma\}$  na raiz do mesmo verbo *inũ* ‘entender/escutar’.

(75) *amõ xi-a awa Ø-ma'i-ha r-inũ-bar-y'ym-a,*  
outro aqui-RFR pessoa LK-orientar- NMZ.CIRC LK-entender-NMZ.AGT-NEG-RFR

*u-'u xi Ø-ma'i-ha r-inũ-'y-ma*  
3.A-comer IMPF 3.NA-orientar- NMZ.CIRC LK-escutar-NEG-SIMUL-RFR

*Ø-maby u-'u mebẽ*  
3.A-passar.mal 3.NA-comer quando

‘Os que aqui não entendem as orientações das pessoas, se comerem sem escutar as orientações, passam mal quando comem.’ (Magalhães et al. 2025, não publicado)

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa foi aprofundar a análise dos morfemas nominalizadores do Guajá feita por Magalhães (2007). Com esse foco, conseguimos explicitar mais detalhadamente o funcionamento dos diferentes morfemas nominalizadores da língua à luz de novos dados, além de analisarmos mais detidamente a produtividade de cada nominalizador. Os diversos afixos encontrados nessa língua são especializados em formar nomes com características semânticas distintas, a saber: (1) o nominalizador de circunstância (NMZ.CIRC)  $\{-ba\}$  forma nomes com semântica de evento, lugar, instrumento, estado e circunstância; (2) o nominalizador de agente (NMZ.AGT)  $\{-bar\}$  forma nomes de agente e de pertinência ao lugar indicado pela expressão adverbial; (3) o nominalizador de paciente (NMZ.PAC1)  $\{imi-\}$  forma nomes de paciente com referência explícita ao possuidor, que seria o correspondente ao agente de uma construção verbal

transitiva; (4) o nominalizador de paciente (NMZ.PAC2) {-*pyr*} forma nomes de paciente sem referência explícita ao possuidor, que seria o correspondente ao agente de uma construção verbal transitiva, omitindo-o por meio de um marcador genérico de terceira pessoa; e (5) o nominalizador de predicados (MNZ.PRED) {-*ma'a*} forma nomes que indicam o que faz X, o que é X e o que tem X.

Foi possível confirmar, por meio da análise da produtividade dos nominalizadores, que todos eles se mantêm produtivos na língua, sendo que dois deles, os morfemas {-*imi*-} (NMZ.PAC1) e {-*ba*} (MNZ.CIRC), apresentam uma tendência à lexicalização, apesar de continuarem a ser usados produtivamente como nominalizadores pelos falantes.

Além disso, observou-se que a maioria das nominalizações que formam nomes de agente e paciente são usadas como Sintagmas Nominais com semântica qualificadora. Eles podem ocorrer como único constituinte nominal de uma oração, justapostos a outros SNs ou separados destes por outros constituintes. Essa é uma das características que reforça a análise desta língua como mantendo propriedades omni-predicativas, entre elas, a de apresentar SNs descontínuos ainda que semanticamente associados, que constituem a referência dos verdadeiros argumentos dos predicados verbais, que são seus índices pessoais.

#### Lista de abreviaturas utilizadas

1	Primeira pessoa
2	Segunda pessoa
3	Terceira pessoa
A	Série ativa (expressão do argumento 'agente')
AGT	Agente
AUT	Sufixo categorizador de autenticidade contrastiva
CAUS	Causativo
CONJ	Conjunção
CTF	Partícula direcional centrífuga
CTP	Partícula direcional centrípeta
DAT	Dativo
DEIT	Dêitico

DEM	Demonstrativo
FOC	Foco assertivo
IMPF	Aspecto imperfeito
INDII	Indicativo II
INTERJ	Interjeição
INTS	Partícula intensificadora
LK	<i>Linker</i> (marca de adjacência)
LOC	Sufixo locativo
MOSTR	Partícula mostrativa
NA	Série não ativa (expressão do argumento não agente)
NEG	Negação
NMZ	Nominalizador
NMZ.AGT	Nominalizador de agente
NMZ.CIRC	Nominalizador de circunstância
NMZ.PAC1	Nominalizador de paciente 1
NMZ.PAC2	Nominalizador de paciente 2
NMZ.PRED	Nominalizador de predicado
N.PR	Núcleo de predicado
PA.EM.PÉ	Postura associada: em pé
PLU	Partícula pluralizadora de 3ª pessoa agente
PL	Plural
POSS	Possibilidade
PROJ	Aspecto projetivo
REFL.REC	Voz reflexiva/recíproca
RETR	Sufixo retrospectivo
RFR	Sufixo referenciante

SUB.TEMP	Tempo subjuntivo
SUJ	Sujeito
SN	Sintagma nominal
TOT	Totalizador
TRANSL	Sufixo translativo
QU	Partícula interrogativa

## REFERÊNCIAS

- CARVALHO, Moacyr Ribeiro de. 1987. *Dicionário tupi (antigo)-português*. Salvador: Empresa Gráfica da Bahia.
- CRUZ, Aline da. 2011. “Fonologia e gramática do Nheengatú: A língua falada pelos povos Baré, Warekena e Baniwa.” PhD diss., Universidade de Amsterdam.
- GIVÓN, Talmy. A compreensão da gramática. São Paulo: Cortez; Natal: EDUFRN, 2012.
- LEITE, Yonne. 2003. A Arte de gramática da língua mais usada na costa do Brasil e as línguas indígenas brasileiras. Em J. R. Bessa Freire, & M. C. Rosa (Coords.), *Línguas Gerais—Política Lingüística e Catequese na América do Sul no Período Colonial* (pp. 11-24). Rio de Janeiro: EDUERJ.
- MAGALHÃES, Marina Maria Silva. 2007. “Sobre a morfologia e a sintaxe da língua Guajá (Família Tupi-Guarani).” PhD diss., Universidade de Brasília.
- . 2019. “A gramaticalização de verbos em partículas na língua Guajá e sua relação com a omnipredicatividade.” *Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi. Ciências Humanas* 14 (3): 897–918. <https://doi.org/10.1590/1981.81222019000300011>.
- MAGALHÃES, Marina M. S., e Ana Cristina R. de Mattos. 2014. “Classe de palavras, tipos de predicados e sua relação com a intransitividade cindida do Guajá.” *Via Litterae* 6 (2): 251–284.
- MAGALHÃES, Marina M. S., Aparanaña Awa Guajá, Xikapiõa Awa Guajá, Hajkaramykña Awa Guajá, Itaxã Awa Guajá, Irakatakoa Awa Guajá, Tatuxa’a Awa Guajá, e Amiria Awa Guajá. A ser publicado. In *Hai rawirokaba pape rebe – O livro do mel*, edited by Marina Magalhães and Uirá Garcia.
- MAGALHÃES, Marina M. S., Walkiria N. Praça, e Aline da Cruz. 2019. “Gradação da omnipredicatividade na família Tupi-Guarani.” *Forma y Función* 32 (2): 151–189. <https://doi.org/10.15446/fyf.v32n2.80818>.

- MAGALHÃES, Marina M. S., e Uirá F. Garcia. 2021. “Guajá.” Instituto Socioambiental. Accessed March 29, 2021. <https://piib.socioambiental.org/pt/Povo:Guajá>.
- MITHUN, M. 1987. Is basic word order universal? Em R. S. Tomlin (Coord.), *Coherence and grounding in discourse* (pp. 281-328). Amsterdam: John Benjamins Publishing Company.
- PERLMUTTER, D., Postal, P. Relational grammar. *LSA Summer Lecture Notes*, 1974.
- QUEIXALÓS, Francesc. 2016. “The Role of Nominalization in Theticity: A Sikuani Contribution.” In *Finiteness and Nominalization*, edited by Claudine Chamoreau and Zarina Estrada, 205–242. Amsterdam and Philadelphia: John Benjamins Publishing Company. <https://doi.org/10.1075/tsl.113.09>.
- RAMOS, Dêbson C. C., Marina M. S. Magalhães, Leonardo S. S. Leão, Helena de C. Souza, e Lucas T. Pedroza. A ser publicado. “Harmonia nasal do Guajá: resultados recentes e próximos passos.” *Americanistas no Cerrado IV*.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. 1953. “Morfologia do Verbo Tupi.” *Letras* 1: 121–152.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. 1984/85. “Relações Internas na Família Lingüística Tupi-Guarani?”. *Revista de Antropologia*, vol. 27/28, USP, São Paulo.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna. 2001. “Sobre a natureza do caso argumentativo.” In *Dês nom set dès verbes em Tupi-Guarani*, edited by Francesc Queixalós, 103–114. München: Lincom Europa.
- RODRIGUES, Aryon Dall’Igna, Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, e Beatriz Carretta Corrêa da Silva. 2006. “Evidências para a reconstrução de um nominalizador de objeto -imi- em Proto-Tupi.”
- ROSE, Françoise. 2003. *Morphosyntaxe de l’Emérillon: Langue Tupi-Guarani de Guyane Française*. PhD diss., Université Lumière Lyon 2.
- SEKI, Lucy. 2000. *Gramática do Kamaiurá: Língua Tupi-Guarani do Alto Xingu*. Campinas: Editora da Unicamp; São Paulo.